

Leandro Okamoto da Silva

## **Marachimbé chegou foi para apurar**

Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia,

no culto do Santo Daime

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

PUC/SP  
São Paulo  
2004

## Resumo

A peia é popularmente conhecida entre os adeptos do culto do Santo Daime como “a surra do daime”. Expressa-se por vômitos, diarréias, tremedeiras, mal estar, ou qualquer outro tipo de evento desagradável pelo qual possa se encontrar o sujeito sob efeitos do potente alucinógeno de origem indígena. A escolha da peia, ou castigo simbólico, se deu por motivos pessoais e pelo fato de não haver quaisquer pesquisas sobre esse tema.

É nossa hipótese que a peia é uma experiência simbólica de caráter polissêmico e não se limita somente à idéia de castigo. A sua interpretação e significação estão intimamente relacionadas com a noção de cura e doença, e tem como implicação principal a ordenação simbólica dos adeptos. Os efeitos purgativos comuns à bebida, no Santo Daime, são resignificados e interpretados a partir de um sistema de valores que prioriza o bem, a luz, a “verdade”, em detrimento do mal, das trevas e da “ilusão”. A peia tem, assim, ação coercitiva e mediadora, agindo no sentido de promover o aprimoramento da conduta dos adeptos segundo o modelo idealizado por mestre Irineu e padrinho Sebastião, líderes principais da linha daimista pesquisada. A peia, enfim, não é um fenômeno *a priori*, é produto cultural das experiências idiossincráticas dos líderes e demais daimistas e, dessa forma, tem também importância histórica, na medida em que grandes *peias coletivas* são lembradas como momentos de dificuldades vivido pelo grupo. A pesquisa foi participante e realizou-se na igreja paulista Céu de Maria, localizada nos arredores da capital paulistana, junto à fiscais masculinos e femininos.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	pg. 04
PARTE I - As andanças do povo de Juramidam	
Capítulo 1. Status Quaestionis - O estado da questão	pg. 12
Capítulo 2. Da floresta para a cidade	pg. 20
2.1. O processo de ocupação e a religiosidade amazônica até o século XX	pg. 21
2.2. A formação do Santo Daime	pg. 31
2.3. De Raimundo Irineu Serra à mestre Irineu	pg. 46
Capítulo 3. Da cidade para a floresta e sua expansão	pg. 60
3.1. O CEFLURIS	pg. 60
3.2. Sebastião Mota de Melo, o padrinho Sebastião	pg. 65
3.3. O espiritismo daimista	pg. 90
PARTE II – A peia veio para apurar	
Capítulo 4. A peia e seu imaginário	pg. 95
4.1. A peia	pg. 95
4.2. A peia no salão	pg. 105
4.2.1. O salão	pg. 105
4.2.2. A visibilidade e coletividade da peia	pg. 106
4.3. As entidades justiceiras	pg. 117
Capítulo 5. As funções da peia	pg. 126
5.1. Análise do caráter ordenatório do ritual	pg. 126
5.2. Alguns tipos de peia recorrentemente relatadas	pg. 135
5.2.1. Peia por não se preparar adequadamente para o trabalho	pg. 135
5.2.2. Peia de pensamento	pg. 141
5.2.3. Peia pela desatenção	pg. 144
5.2.4. Peia por falta de firmeza	pg. 148
5.2.5. Outros tipos de peia	pg. 151
5.3. A peia, o símbolo e a sombra	pg. 161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pg. 177
BIBLIOGRAFIA	pg. 181

## INTRODUÇÃO

“Marachimbé” é uma entidade disciplinadora do panteão daimista que pune os transgressores das normas rituais e valores da doutrina, ao mesmo tempo em que os "apura" e "ordena". O termo “apurar” indica a limpeza física e psíquica do fiel. Por “apurado” podemos entender o grau de desenvolvimento espiritual do médium, ou, em vocabulário nativo, “a graduação do aparelho”. Outras variações do termo indicam outros sentidos, como por exemplo “apuração”, um momento de balanço, de julgamento das ações praticadas, ou ainda “apuro”, quando o indivíduo encontra-se em dificuldades dentro do ritual.

A escolha do "castigo simbólico" como tema de pesquisa se deu por uma dupla razão. Primeiramente pela minha própria experiência com o Santo Daime, desde de março de 2000, quando vim a conhecer a bebida ayahuasca na igreja paulista "Céu de Maria". Do meu primeiro "trabalho", isto é, cerimônia, tenho vívida na memória a experiência marcante da peia que levei. Durante boa parte da sessão, que durou em torno de 4 horas, mal conseguia ficar de pé, vomitava muito e, por diversas vezes, me perguntei o que fazia ali. O arrependimento era grande e a sensação era de que não sairia vivo daquilo. Os fiscais, daimistas responsáveis pela manutenção do trabalho e auxílio às pessoas que, como eu, precisavam de ajuda, me diziam que eu deveria me acalmar e voltar para dentro da igreja. Após muita insistência, e já me sentindo um pouco menos tonto e enjoado com os efeitos das 3 doses do chá que havia ingerido, retornei para o salão da igreja, onde todos estavam reunidos, cantando e dançando num movimento repetitivo, ao som dos maracás, hinos religiosos que falavam de Jesus Cristo, da Virgem Maria, de São João Batista, entre outros. Para a minha surpresa, quando comecei a dançar com os outros, agora com a instrução dada pelos fiscais para que "me firmasse" nos hinos, isto é, que os cantasse com a máxima atenção e respeito, passei a sentir um quase imediato bem estar e











































































































































































































































































































































































































































